



Religião, Política e Luta pela terra: Análise da trajetória de Gernote Kirinus (1970/1990)

Fabiana Stahl Chaparini¹

Este trabalho é resultado de parte de uma pesquisa que está em andamento e que visa analisar a trajetória de Gernote Kirinus para compreender o contexto sócio histórico da região Oeste do Paraná, durante o período de 1970 a 1990. Além de compreender as lutas sociais que ocorreram na região durante esse período, o tema da relação entre política e religião, também será objeto de análise, uma vez que Kirinus era pastor vinculado a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB).

Gernote Gilberto Kirinus, nasceu no dia 15 de setembro de 1948, natural de Carazinho, Rio Grande do Sul. Entretanto viveu na cidade de Não Me Toque durante sua infância e adolescência. Filho de Edith Kirinus e Helmuth Kirinus. Seus pais eram descendentes de alemães. Gernote possuía mais quatro irmãos, três irmãs e um irmão.

A família de Gernote era de origem alemã. A estrutura cultural da maioria das famílias de descendentes de alemães, estava baseada na língua. No caso da família de Kirinus, isso não era diferente. Até os sete anos de idade, Gernote tinha como a principal língua a alemã, mas isso acaba mudando a partir do momento que ele se insere nos internatos religiosos e a sua mãe aprende a ler e escrever em português, por conta de se tornar comerciante.

Desde o seu nascimento, Kirinus já esteve inserido no campo religioso. Partindo da perspectiva de Bourdieu, o campo é formado por pessoas que compartilham da mesma doxa sendo um espaço social, em que determinados elementos como a identidade dos sujeitos definem o habitus que caracteriza o campo. Segundo Gernote, todos da família Kirinus são de origem luterana. Seus pais, logo após seu nascimento, o batizaram na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB).

O batizado de Kirinus ocorreu no dia dois de janeiro de 1949, em Arroio Bonito. O distrito de Arroio Bonito pertencia ao município de Carazinho. Além do batizado, Kirinus passou pela primeira eucaristia. Não tivemos acesso da data da sua confirmação, pois Kirinus

¹ Mestranda pelo programa de Pós-graduação em História na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

não encontrou seu certificado da primeira eucaristia, entretanto ele indica que muito provavelmente este episódio ocorreu no ano de 1960.

A confirmação, segundo a interpretação da IECLB, representa a transformação e o amadurecimento da infância para a adolescência. Sua primeira eucaristia aconteceu na cidade na Cidade de Não Me Toque. Antes de fazer a primeira eucaristia, Kirinus precisou passar pelo ensino confirmatório, realizado na cidade de Passo Fundo. Esse ensino confirmatório mencionado, é conhecido no meio católico como catequese. Ele consiste em um processo de capacitar as crianças a aprofundar seus conhecimentos sobre o cristianismo, no caso luterano durando em torno de dois anos. A inserção das crianças nessa iniciação bíblica se dá por volta dos dez anos de idade, sendo que com doze anos eles já estão aptos a se confirmarem e iniciar a sua participação no ritual da santa ceia.

A partir das falas de Kirinus, compreendemos que a sua formação religiosa esteve sempre em diálogo com a sua formação educacional. Desde seus oito anos, já frequentava internatos religiosos luteranos, em diversas localidades. Segundo seus relatos, foi no internato de Passo Fundo, que ele começou a frequentar por volta de seus dez anos de idade, após passar pela primeira eucaristia, que o lado sacerdotal foi despertado, por conhecer o pastor Germano Burguer. Diante deste despertar para se dedicar a vida pastoral, Gernote comenta com a sua mãe sobre seu desejo de se tornar pastor.

Desde cedo, Kirinus frequentou colégios religiosos. Na grande maioria esses colégios eram internatos. As igrejas evangélicas, tinham essa preocupação em relação ao ensino religioso. De acordo com a tradição luterana, o ensino tem quatro pilares. Os quatro pilares são a Graça, Fé, Escritura e Cristo, em que sustentam a Igreja. Esses pilares, foram desenvolvidos a partir da leitura de Lutero². Ele traduziu a bíblia para o alemão e as comunidades adotaram essa perspectiva, incorporando em suas escolas. Desta forma, as escolas luteranas visavam a alfabetização das e crianças dos membros da igreja a partir da perspectiva de Lutero.

De acordo com Gernote Kirinus, a educação apresentada era mais conservadora. Porém foi a partir dessas experiências nos colégios religiosos que deram o teor da sua formação educacional cristã. Inicialmente, com sete anos de idade, Gernote estudava em uma escola

² Em relação a isso, destacamos que essas leituras dos pilares da Reforma são encontradas nos escritos de Lutero. Também destacamos que no próprio sítio eletrônico da IECLB é destacado leituras sobre esse assunto.

mantida pela Igreja, entretanto precisou sair, pois era comum a falta de professores, o que incomodava a sua mãe.

Sob essa circunstância, Kirinus e seus irmãos, foram destinados a estudar no internato Sete de Setembro, quando ele tinha por volta de oito anos, na cidade de Não Me Toque. Essa formação escolar em internatos e voltada para o lado cristão, de acordo com Gernote, era uma das opções mais apropriadas para investir na educação de quem morava no interior naquele período, década de 1950.

Sua fase escolar também foi marcada pela inserção no grupo de escoteiros. Kirinus descreve essa fase se caracterizando como um rebelde.

Kirinus: E eu sempre fui meio rebelde, tanto na juventude quanto no colégio, né. No colégio por exemplo, eu comecei ali a ler o diário do Chê Guevara, fundei e liderei um grupo de escoteiros. Até nós simulávamos nos nossos acampamentos, guerrilhas, e até recebemos a visita do comandante do RI de São Leopoldo, que nos visitou, porque o filho dele participou do movimento, do movimento de escoteiro onde estavam pregando a guerrilha, e aí eu fui que expulso do colégio, [Risos], do movimento, mas sempre tive essa inclinação revolucionária e isso eu devo muito também a minha mãe. (Entrevista cedida para a pós-graduanda Fabiana Stahl Chaparini, sendo realizada na cidade de Curitiba, em janeiro de 2017)

Inicialmente, vamos especificar o que seria o RI. De acordo com Gernote, era o quartel do XIX regimento de infantaria do Exército Brasileiro, que tinha sede em São Leopoldo. A narrativa de Kirinus, nos aponta elementos da sua formação que vão além de uma formação religiosa. Participar de um movimento de escoteiros e ler Chê Guevara, na década de 1960, demonstrava um posicionamento político. O cenário brasileiro na década de 1960, estava marcado pelo golpe dos militares, renúncia de presidente e ditadura civil militar.

A confirmação, segundo a interpretação da IECLB, representa a transformação e o amadurecimento da infância para a adolescência. Sua primeira eucaristia aconteceu na cidade na Cidade de Não Me Toque. Antes de fazer a primeira eucaristia, Kirinus precisou passar pelo ensino confirmatório, realizado na cidade de Passo Fundo. Esse ensino confirmatório mencionado, é conhecido no meio católico como catequese. Ele consiste em um processo de capacitar as crianças a aprofundar seus conhecimentos sobre o cristianismo, no caso luterano durando em torno de dois anos. A inserção das crianças nessa iniciação bíblica se

dá por volta dos dez anos de idade, sendo que com doze anos eles já estão aptos a se confirmarem e iniciar a sua participação no ritual da santa ceia.

A partir das falas de Kirinus, compreendemos que a sua formação religiosa esteve sempre em diálogo com a sua formação educacional. Desde seus oito anos, já frequentava internatos religiosos luteranos, em diversas localidades. Segundo seus relatos, foi no internato de Passo Fundo, que ele começou a frequentar por volta de seus dez anos de idade, após passar pela primeira eucaristia, que o lado sacerdotal foi despertado, por conhecer o pastor Germano Burguer. Diante deste despertar para se dedicar a vida pastoral, Gernote comenta com a sua mãe sobre seu desejo de se tornar pastor.

Desde cedo, Kirinus frequentou colégios religiosos. Na grande maioria esses colégios eram internatos. As igrejas evangélicas, tinham essa preocupação em relação ao ensino religioso. De acordo com a tradição luterana, o ensino tem quatro pilares. Os quatro pilares são a Graça, Fé, Escritura e Cristo, em que sustentam a Igreja. Esses pilares, foram desenvolvidos a partir da leitura de Lutero³. Ele traduziu a bíblia para o alemão e as comunidades adotaram essa perspectiva, incorporando em suas escolas. Desta forma, as escolas luteranas visavam a alfabetização das e crianças dos membros da igreja a partir da perspectiva de Lutero.

De acordo com Gernote Kirinus, a educação apresentada era mais conservadora. Porém foi a partir dessas experiências nos colégios religiosos que deram o teor da sua formação educacional cristã. Inicialmente, com sete anos de idade, Gernote estudava em uma escola mantida pela Igreja, entretanto precisou sair, pois era comum a falta de professores, o que incomodava a sua mãe.

Sob essa circunstância, Kirinus e seus irmãos, foram destinados a estudar no internato Sete de Setembro, quando ele tinha por volta de oito anos, na cidade de Não Me Toque. Essa formação escolar em internatos e voltada para o lado cristão, de acordo com Gernote, era uma das opções mais apropriadas para investir na educação de quem morava no interior naquele período, década de 1950.

Em 1968, Gernote terminou o ensino médio, ingressando ao seminário FACTEOL (Faculdade de Teologia) em 1969. O chamado seminário FACTEOL, é onde membros da IECLB pretendem estudar Teologia para se tornarem pastores. Esse seminário até

³ Em relação a isso, destacamos que essas leituras dos pilares da Reforma são encontradas nos escritos de Lutero. Também destacamos que no próprio sítio eletrônico da IECLB é destacado leituras sobre esse assunto.

hoje está localizado em São Leopoldo no Rio Grande do Sul. A grade curricular do seminário FACTEROL, tinha como base os cursos de teologia da Alemanha.

A trajetória de Kirinus no seminário se diferenciou de grande parte dos seus colegas do curso de Teologia. Em grande medida, isso está relacionado com a sua participação em movimentos sociais. A sua inserção nesses grupos, ocorreu pelo contato que ele teve com o seminário católico. O seminário dos jesuítas, de origem católica ficava no Morro Cristo Rei e o da IECLB estava no Morro do Espelho, ambos próximos e na cidade de São Leopoldo.

Em sua trajetória no Rio Grande do Sul, participou de dois movimentos em prol dos direitos humanos. Eram eles: Movimento Gaúcho de Educação de Base (MGEB) e outro que não havia nome específico, mas que tinha participação de Frei Betto.

No MGEB, de acordo com Kirinus quem participava em grande medida eram estudantes de Sociologia e os estudantes de Teologia de ambos os seminários já citados. Este movimento tinha como objetivo, alfabetizar as pessoas carentes das periferias de São Leopoldo e de Porto Alegre. A realização desse trabalho nessas cidades, era por serem próximas da roda de localização em que eles moravam. Além disso, quem ajudava o MGEB, era a igreja católica da grande Porto Alegre. A inserção de Kirinus nesse movimento, ocorreu pela sua participação em grupos de estudo com estudantes de sociologia, em que discutiam leituras diversificadas acerca da sociedade, isso em 1969. A metodologia e bibliografia utilizada para serem realizados os trabalhos dentro do movimento, baseavam-se na leitura de Paulo Freire. As leituras de Freire, em especial, contribuíram para o grupo articular modos de colocar em prática o que eles absorviam da leitura de Paulo Freire.

O trabalho desenvolvido pelo MGEB nas periferias começou a ser reconhecido por outros círculos sociais que também lutavam em prol dos direitos humanos. Desta maneira, Kirinus conheceu Padre Chiquinho que também atuava em movimentos de prol em direitos humanos, havendo contatos com entidades estrangeiras que desenvolviam atividades em torno do trabalho voluntário. Foi assim, que o MGEB foi convidado para participar de um evento em Petrópolis.

Esse evento ocorreu em 1969, patrocinado por uma entidade alemã, a IJGDE (Associação Internacional da Juventude Transoceânica da Alemanha). A IJGDE, tinha como objetivo patrocinar os trabalhos voluntários na América Latina. O patrocínio destes trabalhos também contava com organizações de eventos.

Kirinus, também participou de outro grupo enquanto frequentava o seminário. Este grupo não tinha um nome específico, diferentemente do MGEB. Kirinus, entrou para esse grupo, devido a aproximação com o seminário jesuítico Cristo Rei, hoje Unisinos (Universidade do Vale do Rio dos Sinos), localizado em São Leopoldo, em que realizavam reflexões acerca dos direitos humanos. Esse grupo foi liderado por Frei Betto (Carlos Alberto Libânio Christo) e com o apoio de Marighella. Entretanto, esse grupo realizava uma atividade diferente que o MGEB. Eles desenvolviam a travessia da fronteira, ou seja, promoviam o transporte dos chamados subversivos para o Uruguai.

A morte de Marighella em 1969, fez com que a repressão caísse fortemente sobre o líder do movimento no Rio Grande do Sul, Frei Betto. O seminário jesuítico Cristo Rei, foi cercado no dia nove de novembro de 1969, para prendê-lo. De acordo com uma entrevista que ele cedeu ao Jornal Zero Hora⁴, ele conseguiu fugir do cerco, por uma estratégia que ele utilizou. A estratégia foi escrever em um livro, em forma de recado, que o seu regresso ao seminário seria naquele dia por volta das 19 horas. Ele fez isso ao perceber o cerco policial no seminário jesuítico no Morro Cristo Rei, por volta das 14 horas. Essa estratégia utilizada pelo Frei apenas adiou alguns dias a sua prisão, logo depois ele foi preso pelos agentes da repressão.

No momento da prisão de Frei Betto, Kirinus e seus companheiros estavam voltando da fronteira. Gernote ficou sabendo da notícia pelo jornal que havia no trem, enquanto eles estavam voltando para São Leopoldo. Diante dessa situação, resolveram que a melhor saída seria ir para outro lugar que não fosse o seminário. Essa decisão, foi por conta de que além de Frei Betto, outros foram presos.

Devido a conflitos entre poder político e poder religioso, Kirinus decide partir para o exílio no Peru. Diante disso, compreendemos que a sua partida é outra forma de analisarmos a construção da sua trajetória enquanto um militante social e futuro pastor, que se vê de certa forma obrigado a partir para o exílio, por conta da repressão do sistema.

Sua chegada aconteceu em 1970. Inicialmente, Kirinus foi considerado turista, sendo assim, a chance de conseguir emprego era praticamente nula. Porém, reencontrou o japonês que conheceu no evento em Petrópolis, em 1969. Esse japonês o ajudou a conseguir um emprego no Peru. De acordo com as informações que Kirinus passou, esse japonês era da igreja metodista e desenvolvia um trabalho com as igrejas ali. Desta maneira, o emprego que Gernote conseguiu,

⁴ <http://zh.clicrbs.com.br/rs/pagina/frei-betto.html> .Acessado em 22 de junho de 2017.

consistia em ajudar na reconstrução da cidade de Lima, onde havia acontecido a pouco tempo um terremoto, e a população precisava de ajuda. Um elemento que devemos considerar sobre a escolha do exílio ser no Peru, era pela relação que Gernote estava construindo com Gloria. Eles estavam trocando correspondências e a situação em que Gernote se encontrava no Brasil, fizeram com que o destino escolhido fosse o Peru.

Kirinus constitui família no Peru. Além de casar teve seu primeiro filho no exterior. Com essas circunstâncias, ele resolve voltar para apresentar a sua família para o seu pai. Isso aconteceu no ano de 1974, quando o ditador Médice estava saindo do seu mandato. Nesse período, vemos que o chamado “ milagre econômico” dava seus sinais de fraqueza, com o arrocho salarial, aumento da carga horária de trabalho, fim de alguns direitos dos trabalhadores, entre outras coisas.

Então Kirinus decide terminar o seminário em Teologia. Formado em 1974, ele foi chamado para ordenar uma paróquia, localizada no interior de Santa Catarina. De acordo com ele, essa paróquia era conservadora e tradicional, o que lhe incomodou. Essa situação, faz com que ele voltasse a ter contato com seus ex-colegas de seminário: o pastor Arnoldo Maedche, de Matelândia; Uwe Wegner que estava em Foz do Iguaçu; Edgar Ravache em Capanema; Kurt Hattje que exercia o pastorado em Pato Bragado, então distrito de Marechal Cândido Rondon. Todas estas paróquias estavam localizadas no Oeste paranaense.

Esse contato, principalmente com Kurt Hattje, despertou a vontade de atuar na região Oeste do Paraná, pois seus companheiros estavam nessa região. Não levou muito tempo e em 1975, Gernote foi chamado para atuar na região Oeste do Paraná, no distrito de Entre Rios do Oeste.

Sua fase na região Oeste do Paraná esteve marcada pela atuação de Gernote com os agricultores na região, tanto pelo conflito entre jagunços e posseiros quanto pelo movimento dos expropriados pela Itaipu Binacional.

Ao dialogar com os problemas agrários brasileiro nesse momento de 1964 a 1990, deve-se levar em conta a conjuntura nacional do cenário político. No início da década de 1960, houve um projeto de reforma agrária. De acordo com Mendonça,

No imediato pré-1964, em meio à profunda crise econômica vivida pelo país, três questões gerais se colocavam como exigências do desenvolvimento capitalista no Brasil: o combate à inflação, a

alteração da política externa e a chamada “modernização” da agricultura. (MENDONÇA, 2010 :35)

Chamamos a atenção para a modernização da agricultura. Podemos analisar assim, que nas décadas de 1960 a 1980, as transformações que ocorreram no campo, estiveram em torno do discurso da modernização do meio rural. Principalmente na década de 1970, o governo militar tinha como um dos objetivos visar a modernização do país. Diante disso, a modernidade que o governo buscava, estava em torno da urbanização e da industrialização. Nesse contexto o setor rural forneceria os produtos para garantir o consumo interno, essa modernização no setor rural, ligada principalmente a mecanização. Entretanto, além da inserção dos maquinários, também estava ocorrendo a implantação de produtos agrícolas, como agrotóxicos, fertilizantes, etc. Para realizar essas compras era necessário fazer empréstimos nos bancos, devido ao alto valor dos produtos.

Esse projeto político influenciou a área rural do campo, alegando-se como necessária. Seu objetivo era inserir o capitalismo no cenário agrário, mantendo a estrutura fundiária. Além de abrir um espaço maior para os latifundiários, com o governo militar, uma nova diretriz foi concedida: crédito e subsídio rural, justificando assim a dissipação da tecnologia. Essa política na agricultura acarretou na saída do pequeno trabalhador rural. O motivo, ligado ao endividamento dele por conta dos financiamentos, em que o obrigavam a sair da sua propriedade, ou da propriedade em que prestava serviços.

Nesse cenário de exclusão dos trabalhadores rurais e de inchamento das cidades, por conta da migração destes, aparecem para lutar com esses sujeitos a Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura (Contag) e a Comissão Pastoral da Terra (CPT), essa última, ligada à Igreja.

A participação de Kirinus na CPT do Paraná possibilitou a ele compreender que a região Oeste, sempre foi marcada pelos conflitos em torno da terra. Quando Kirinus chega ao Paraná em 1975, ele aos poucos, vai se deparando com esse problema. A medida que ele toma conhecimento sobre, passa a tomar contato com os posseiros na região, especificamente nas comunidades de São Clemente e Sub Sede, localizadas na cidade de Santa Helena, ele se vê frente a um problema que perpassa o meio rural, mas também o religioso.

Desta forma era realizado um trabalho com o pastor Kurtz e Kirinus, baseado em reflexões com os agricultores. Conforme Kirinus narra, “então a gente ia lá e fazia as reflexões,

porque assim, dentro da metodologia das comunidades eclesiais de base a gente estuda a realidade, discute a realidade, né?! ” (GERNOTE,2017). Algo que chama a atenção nessa fala é a incorporação do método de Paulo Freire. No primeiro capítulo, destacamos a forte influência teórica e metodológica na vida de Kirinus. A sua vinda para o Paraná, não o fez com que deixasse o método de lado para compreender o contexto da região, ao contrário, fez o uso dele.

Porém, outro elemento surge para compor a mesa de luta da CPT no Paraná: a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu em Foz do Iguaçu. Até esse momento, Gernote ainda era pastor atuante na comunidade de Entre Rios do Oeste. Porém, com esse novo fator, Kirinus se desliga da IECLB como pastor para atuar de forma integral como secretário.

O conflito dos expropriados pela Itaipu na região Oeste do Paraná foi outro processo de luta que Gernote participou. Em 1977, as famílias que seriam desapropriadas pela Itaipu, já começam a sentir a ameaça de perder suas propriedades. Diante disso, a atuação de Gernote não estava mais voltada apenas para os membros que sofriam com a questão agrária da comunidade pastoral que ele atuava.

Em 1978, Gernote aceita o pedido do partido MDB, para se candidatar a deputado estadual no Paraná. Entretanto, ele teria que deixar a secretaria da CPT. Além disso, era necessário se desvincular da IECLB, pois de acordo com a instituição, um pastor não pode ser candidato político e sacerdote. Ciente da situação, Gernote propôs para que quem assumisse seu lugar na secretaria fosse o pastor luterano (IECLB) de Santa Helena, Werner Fuchs. Sua sugestão foi acatada, e em 1978, Werner Fuchs passou a ser o secretário geral da CPT e Kirinus foi concorrer à eleição para deputado estadual do Paraná.

Para finalizar, percebemos a circunstância visível das relações entre campos quando Gernote Kirinus, em 1978, é eleito deputado estadual pelo MDB. Não há ainda informações sobre a atuação de Gernote Kirinus como deputado estadual, por conta que as fontes ainda não foram analisadas e como mencionado no início, o presente artigo é resultado de parte de uma pesquisa que está em andamento. Porém, é destacado que a pesquisa buscará tratar e relacionar a atuação destacada e conturbada, a qual ainda é pouco conhecida de Gernote para continuar analisando seu envolvimento nas lutas sociais, compreendendo o contexto social e político, que marcaram este período de 1970 a 1990 da história no Oeste Paranaense.

Não é intenção elaborar uma biografia de Gernote Kirinus, pelo contrário, a partir da sua vivência e atuação, buscarei discutir e analisar as mobilizações realizadas pelos camponeses da região contra o processo de expropriação que acompanhou a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu e o estabelecimento de novos padrões para agricultura brasileira, via execução do projeto de modernização de agricultura.

Porém para fazer essa análise é necessário conhecer a trajetória de Kirinus, antes dele fixar residência no Paraná, especificamente na região Oeste do Paraná. Kirinus iniciou a sua vida de militante muito jovem. Ele retrata o início da sua militância quando ainda estava no colégio, cursando o ensino médio. O movimento escoteiro foi uma porta para a sua entrada nos movimentos. Entretanto foi por volta do ano de 1968 com a sua decisão de entrar no seminário de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, que Kirinus concretizou seu posicionamento de esquerda, participando com Frei Beto em um movimento em prol dos direitos humanos.

A sua chegada no Oeste paranaense, se deu em 23 de fevereiro de 1974. O jovem pastor vem para a região Oeste, levemente ciente do chão em que estaria pisando. A sua formação anterior era a base de um novo começo, agora na região Oeste. Gernote Kirinus era pastor na paróquia de Entre Rios do Oeste⁵, até então distrito de Marechal Cândido Rondon. Chama atenção neste caso, o fato de que inicialmente a atuação de Kirinus tinha um sentido religioso, mas, na medida em que os conflitos na região ganham grandes proporções, ele passa a romper com as fronteiras do campo religioso e a atuar mais diretamente no campo político.

Referências Bibliográficas:

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2015.P:361

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de Autoanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.P: 140

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.p:255

MENDONÇA, Sonia Regina. **A questão agrária no Brasil: a classe dominante agrária-natureza e comportamento 1964-1990**/ Sonia Regina de Mendonça; João Pedro Stedile (org)—2. Ed.—São Paulo: Expressão Popular, 2010.

Fontes:

Entrevista realizada com Gernote Kirinus em janeiro de 2017.